

## Geografia

O geógrafo Aziz Ab'Sáber fala dos livros essenciais na sua área

## Contos populares

Histórias envolventes fazem a ponte do oral para o escrito

# lepê, cidade que lê

Município paulista de 7 mil habitantes suplantou quase todas as capitais na *Prova Brasil*. O segredo? Um bom projeto de incentivo à leitura



Ricardo Azevedo – Escritor fala de seu itinerário de leituras



Luiz Dantas

# “Oralidade é porosidade”

O escritor Ricardo Azevedo fala de seu fascínio pelas histórias nascidas da tradição oral, que sofrem influência de quem as conta e de quem as ouve

Quando o escritor, ilustrador e pesquisador **Ricardo Azevedo** leu, aos 16 anos, três contos infantis de um escritor suíço chamado Peter Bichsel, decidiu que gostaria de escrever daquele jeito. Pouco tempo depois, publicaria seu primeiro livro – e não pararia mais. Com dezenas de livros publicados por várias editoras, a maioria ilustrada por ele mesmo, Ricardo vem fazendo outro trabalho igualmente importante como pesquisador da cultura popular. Já recriou mais de uma centena de mitos, lendas e contos do imaginário brasileiro. Ele defende que essa cultura que tem origem na tradição oral – incluindo suas variações musicais, como o samba – deveria ter uma presença mais forte na escola. Ao reconhecer na forma escrita uma história já ouvida no ambiente familiar, esta criança passaria a valorizar os saberes que seus pais possuem, ao mesmo tempo em que se sentiria estimulada a dominar a forma escrita. Nesta entrevista concedida ao editor de *LeituraS*, Ricardo Prado, o escritor fala de seu itinerário como leitor, suas principais influências artísticas e literárias e onde, na sua opinião, a escola acerta e erra no estímulo à formação de novos leitores.

### Como começa seu itinerário de leitor?

Eu vim de uma casa com muitos livros. Meu pai era professor universitário de Geografia, minha mãe também gostava de ler, e isso marcou muito minha vida e de meus irmãos. Mas, se meus pais eram ávidos leitores, eles jamais me indicaram um livro; eles estavam lá para serem usados. Não me lembro do meu pai dizer “leia tal livro”. Nós tínhamos um sítio perto de São Paulo para onde iam os livros que não cabiam mais em casa. Lá, quando anoitecia, cada um escolhia um volume e mergulhava nele. Nessa época de menino eu “freqüentei” muito a coleção *Tesouros da Juventude* e as condensações feitas pelas *Seleções do Reader’s Digest*.

### E Monteiro Lobato?

Eu me lembro de *Caçadas de Pedrinho* e *Os 12 Trabalhos de Hércules*, que li várias vezes. Mas com 12 ou 13 anos eu preferia ler outras coisas, como crônicas, por exemplo. Li muito Stanislaw Ponte Preta, Fernando Sabino, Paulo Mendes Campos, Rubem Braga. Acho que tive bastante influência da linguagem coloquial desses autores – até porque meus

**“Eu entendo que a literatura infantil é uma ramificação de uma literatura popular marcada pela oralidade, por certos temas universais amplos, compartilháveis por muitos.”**

leitores são, principalmente, crianças e jovens. Acho uma pena que os cronistas estejam atualmente um pouco esquecidos. Depois dessa fase inicial, comecei a enveredar pela literatura adulta.

### Quais eram seus autores preferidos nessa nova fase?

Albert Camus, Franz Kafka, Thomas Mann, Samuel Beckett e John Steinbeck eram autores que estavam muito em evidência em meados da década de 1960, quando eu fazia o ensino secundário.

### E autores brasileiros?

Machado de Assis, Lima Barreto e José de Alencar, por exemplo, devo ter lido para a escola, mas mal me lembro. Fui me interessar por esses autores mais tarde. Mas falando de literatura infantil, houve um autor marcante para mim que conheci por meio de uma revista alemã que meu pai assinava chamada *Humboldt*. Era uma revista que trazia textos de autores brasileiros traduzidos para o alemão e autores suíços e alemães traduzidos para o português. Eu tinha uns 16 anos e numa dessas revistas li três contos para crianças de um autor suíço chamado Peter Bichsel. Eu nunca tinha pensado em escrever para crianças até ler esses textos, que achei fascinantes. Adorei. E pensei: “puxa, eu gostaria de escrever que nem esse cara”. Mais tarde até indiquei para uma editora brasileira, que publicou esse autor que me marcou como literatura infantil, mais do que qualquer outro. Ele traz um certo peso, discute algumas questões que não interessam apenas às crianças.

Luiz Dantas



*“Como ilustrador, procuro desenhar aquilo que o texto não diz.”*

### **Você rejeita essa classificação de “literatura para crianças”?**

Sim, sou contra se fazer um tipo de livro específico para criança porque isso faz supor que exista uma criança específica – o que eu acho complicado. Se você direciona um livro para uma determinada faixa etária significa que ele é um livro didático, já que, na escola, as crianças são divididas de acordo com faixas de idade. Mas na literatura lidamos com um universo de assuntos subjetivos, conflitos e ambigüidades que cada um tem dentro de si que faz com que esse tipo de divisão seja absurdo. Mas é claro que, pelo fato de usar mão de muitas personagens infantis e praticar uma linguagem mais acessível, faz com que a criança ou o jovem se identifique com meus livros. Eu entendo que a literatura infantil é uma ramificação de uma “literatura popular”, marcada pela oralidade, por certos temas universais amplos, compartilháveis por muitos, enquanto a literatura adulta trabalha com temas mais específicos.

### **Quais temas costumam ser muito usados na chamada literatura infantil – ou “popular”, como você chama?**

A busca da identidade, do autoconhecimento, os conflitos do novo contra o velho – estes são temas clássicos, usados também pelos contos populares, pelas histórias de encantamentos. Você pega, por exemplo, a história da Branca de Neve, na qual existe uma mãe (ou madrasta) que é linda e o espelho reafirma isso a todo momento e que, num determinado dia, descobre que a filha é mais bonita que ela – e manda matar a filha! Isso é um tema da luta entre gerações, antiquíssimo, que fascina a todos nós.

### **A escola costuma negligenciar esse tipo de literatura popular?**

Na minha visão, desde o momento em que a criança aprende a ler, ela deveria saber que existem textos que são utilitários – que trazem informações concretas, funcionais – e também outros tipos de textos, de ficção, em prosa ou verso, que trazem uma série de maneiras de se lidar, por meio do texto, com a subjetividade. Em relação à literatura popular (quadrinhas, adivinhas, contos de espanto, esse tipo de texto que vem da tradição oral) há um aspecto muito importante: quando um professor apresenta um conto popular, uma adivinha, a criança que tem os pais pouco letrados tem a oportunidade de reconhecer naquela história algo familiar. “Minha avó sabe contar essa história...” Assim, pode-se criar um círculo virtuoso, essa criança pode voltar, no dia seguinte, com um livro, para mostrar aos seus pais que aquela história que eles conhecem também tem na escola. Como 80% da população brasileira se encontra muito próxima da cultura popular, da linguagem oral, inclusive por influência da música, esse tipo de literatura deveria estar mais presente na escola, na minha opinião.

### **E como trazer essa cultura para a sala de aula?**

Há uma série de autores, como Câmara Cascudo, Lindolfo Gomes e outros, que pesquisaram contos populares. Trazer isso pode motivar os alunos a irem buscar essa tradição em suas famílias. Em Canoas, na Grande Porto Alegre, em uma comunidade bem carente, eu presenciei uma feira de cultura popular em uma escola que foi maravilhosa, inesquecível. Uma professora havia estado em uma palestra minha em Passo Fundo sobre o valor da cultura popular e levou aquilo pra escola. Eu fui convidado, estive lá no ano passado. Eles coletaram receitas culinárias das avós, adivinhas entre os parentes, as tradições de artesanato etc. Havia um orgulho naquelas pessoas em mostrar seus saberes, se identificarem com uma cultura, uma tradição, até porque são pessoas que, muitas vezes, se sentem como “almas penadas culturais” em meio à cultura letrada onde estão inseridas. A música também pode ser uma belíssima introdução à literatura. É claro que precisa haver preparo, não pode ser a música preferida do professor, é preciso apresentar propostas de trabalho a partir delas.

### Você deve ter encontrado histórias por aqui que também têm versões em outros lugares, não?

É difícil identificar a origem dessas histórias. É certo que boa parte delas vem de Portugal, há também as de origem árabe, as indígenas, as africanas, e isso, aos poucos, foi dando numa mistura total. Uma tradição africana ouvida por alguém de outra origem pode resultar numa outra história com alguma coisa em comum. Oralidade é porosidade, não tem nada fixo, nem a moral. Você ouve uma história, adapta, improvisa, muda. Não me interessa pesquisar a origem dessas histórias. Elas são contadas e recontadas porque são boas. São essas que eu tento identificar.

### Por que esse conhecimento é tão pouco valorizado?

Eu acho que pelo fato de ser uma cultura informal, espontânea. Os contos populares não têm autoria e vêm do povo, e o que vem do povo, infelizmente, é desprezado neste país. Mas não por todos. Se você pegar três ícones de nossa cultura – Guimarães Rosa, Heitor Vila Lobos e Tom Jobim – todos beberam nessa fonte. E talvez isso seja o que mais os tenha enriquecido. Há outros: Mario de Andrade, com *Macunaíma*, ou José Cândido de Carvalho, que escreveu *O Coronel e o Lobisomem*, anda esquecido, mas é muito bom.

### Além de escritor, você é ilustrador. Qual é, na sua opinião, o papel da ilustração em um livro?

Muitas vezes ela é apresentada como mero reflexo do texto, com uma função utilitária – como as que, num manual de proprietário de um carro, ilustram onde fica tal peça etc. Assim, a ilustração fica com uma função acessória e se submete ao texto. Quando se fala de literatura de ficção, a primeira situação é termos alguns leitores que lêem muito mal. Nesse caso, as imagens precisam estar coladas ao texto, colaborando no esclarecimento, para que esse leitor pouco aparelhado consiga compreender do que aquela história trata. Só que a maioria dos leitores de literatura, quando ganha mais autonomia, gosta de lidar com a imagem de outra forma, mais descolada do texto. Eu próprio já errei muito,

desenhando exatamente aquilo que o texto diz. Hoje penso diferente, procuro desenhar aquilo que o texto não diz.

### Como é seu processo de criação, você segue algum método?

Trabalho várias idéias simultaneamente, que podem surgir com uma personagem, uma situação, uma notícia. Aquilo vai amadurecendo, pode levar anos. Eu tenho uns cadernos há muitos anos só com recortes de jornais que me chamam a atenção [Ricardo

Luiz Dantas



“Guardo esses recortes de jornais para soltar minha imaginação.”

se levanta e pega na estante dois grossos volumes encadernados]. Veja isto: “Papagaio grita e é salvo de ladrões.” “Alemão é preso com 102 aranhas.” Nunca usei uma idéia dessas, nenhuma. Minha intenção era que isso aqui me trouxesse idéias. Só que, de uma certa forma, eu uso esses cadernos para soltar minha imaginação. De vez em quando eu estou escrevendo, paro, abro esses cadernos e parece que a leitura dessas notícias tem um efeito sobre mim de me fazer sair do meu próprio umbigo. Essas histórias são uma prova cabal de como o mundo é rico, que acontecem coisas espantosas. Veja esta notícia, que recortei nesses dias: “‘Estou vivo!’, berra o homem dentro do caixão”. Minha cabeça se abre junto com essas histórias... A vida é muito mais realista e fantástica do que o mundo que qualquer escritor é capaz de criar. E isso aparece todos os dias nos jornais.

# Um conto, duas versões

De uma mesma situação cômica (um bicho preguiça com pressa) nascem duas histórias e um estimulante exercício de comparação de linguagem

## O filho da filha do bicho-preguiça

*O bicho-preguiça estava parado quieto, trepado no galho da árvore. Sua filha estava trepada quieta, parada num outro galho. De repente, ela disse:*

*– Pai, estou sentindo uma dorzinha esquisita dentro na barriga. Acho que vou parir logo.*

*Tempos depois, o bicho-preguiça desceu da árvore e ficou pensando. Mais tarde, saiu andando devagar, quase parando. Foi procurar uma parteira.*

*Foi, foi, foi. Andou, andou, andou. Seguiu, seguiu, seguiu.*

*No meio da viagem, o bicho-preguiça tropeçou numa pedra e machucou o dedinho do pé. Ficou um pouco nervoso:*

*– É isso que dá andar nessa pressa danada!*

*E seguiu, seguiu, seguiu. E andou, andou, andou. E foi, foi, foi.*

*Acabou chegando na casa da parteira. Passou um tempo, o bicho-preguiça bateu na porta e disse:*

*– Dona parteira, é urgente. Vamos lá em casa que o filho da minha filha está pra nascer.*

*A parteira era bicho-preguiça também. Dias depois, abriu a porta devagar e respondeu:*

*– Calma aí que eu já estou indo!*

*O tempo correu e bem mais tarde os dois partiram.*

*Foram indo, foram indo, foram indo. Foram seguindo, foram seguindo, foram seguindo. Foram andando, foram andando, foram andando.*

*No fim, quando chegaram de volta, escutaram uma barulheira. Eram os filhos do filho da filha do bicho-preguiça brincando devagarinho no terreiro.*

*(AZEVEDO, Ricardo, Contos de bichos do mato, Ática, 2005)*

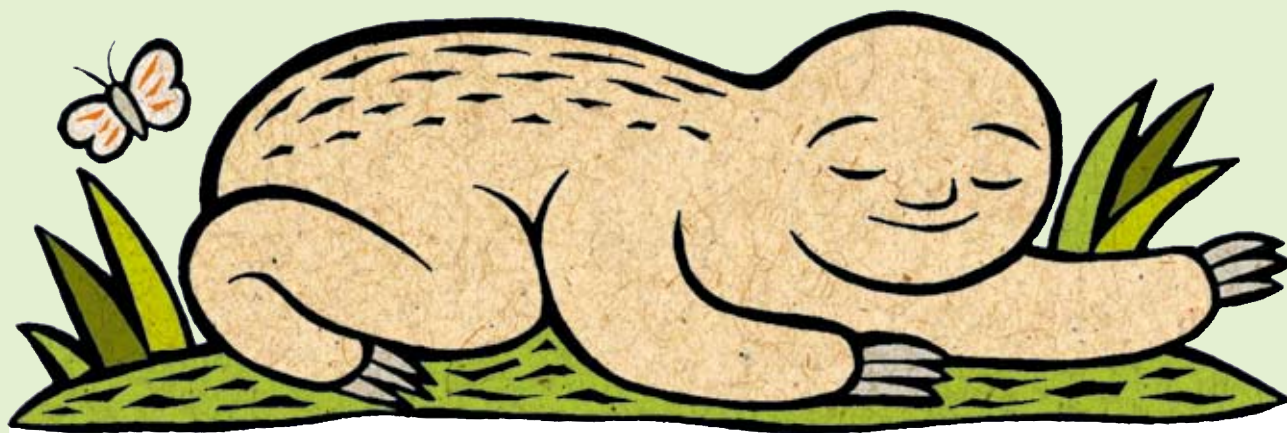
## A preguiça

*Estando a filha com dor de parir, saiu a preguiça em busca da parteira. Sete anos depois ainda se achava em viagem, quando deu uma topada. Gritou muito zangada:*

*– Está no que deu o diabo das pressas...*

*Afinal quando chegou em casa com a parteira, encontrou os netos da filha, brincando no terreiro.*

*(recolhido por João da Silva Campos. in: MAGALHÃES, Basílio de. O folclore no Brasil, Edições Cruzeiro, 1960)*



Ricardo Azevedo

## Do escrito para o escrito

por Maria José Nóbrega

Com propósitos diferentes, muitos escritores recontam histórias a partir de versões escritas produzidas tanto por pesquisadores, como por escritores. Reconhecendo o valor dessas narrativas, inscrevem-se na corrente de contadores só que agora não mais da tradição oral, mas da tradição oral-escrita. Com isso, um número maior de leitores pode apreciá-las: encantar-se com elas, emocionar-se com elas, divertir-se com elas.

É o que fez o escritor Ricardo Azevedo, o entrevistado desta edição de *LeituraS*, com a divertida *O filho do filho da filha do bicho-preguiça* que reconta *A preguiça*, uma versão do conto recolhida por João da Silva Campos. A ação que deflagra o conflito na história é a iminência do nascimento do filho da filha da preguiça. Está lançado o mote. O conto brinca com a oposição criada pela proximidade do parto e a demora no atendimento. Extrai humor da hipérbole, isto é, do exagero.

Ricardo de Azevedo, sem perder a piada, escolhe narrar tudo muito devagar, devagar, devagarzinho – em câmera lenta – o que deixa o texto muito mais engraçado, não apenas pelo que acontece na história, mas também pelo jeito como a conta. Veja alguns dos recursos que ele emprega:

- Usa e abusa de repetição: **Tal pai, tal filha**

*O bicho-preguiça estava parado quieto, trepado no galho da árvore. Sua filha estava trepada quieta, parada num outro galho.*

### **Três vezes três:**

*Foi, foi, foi. Andou, andou, andou. Seguiu, seguiu, seguiu.*

*E seguiu, seguiu, seguiu. E andou, andou, andou. E foi, foi, foi.*

*Foram indo, foram indo, foram indo. Foram seguindo, foram seguindo, foram seguindo. Foram andando, foram andando, foram andando.*

*Eram os filhos do filho da filha do bicho-preguiça...*

- Usa muitas expressões que mostram a passagem do tempo e o modo como se comporta o

bicho-preguiça ante a urgência: lento, muito lento, lentíssimo, como convém a preguiças e a histórias engraçadas:

**Tempos depois**, o bicho-preguiça desceu da árvore e ficou pensando.

**Mais tarde**, saiu andando **devagar, quase parando**.

**Passou um tempo**, o bicho-preguiça bateu na porta...

**Dias depois**, abriu a porta **devagar...**

**O tempo correu e bem mais tarde** os dois partiram.

O conto que já era pra lá de engraçado, ficou mais engraçado ainda! É isso que dá escrever sem essa pressa danada!

# Trabalhos com contos populares

“Os Contos da Nossa Cidade” e “Conto e Reconto”: dois projetos didáticos de leitura e escrita que podem conquistar sua turma para o mundo dos livros



Por Maria José Nóbrega,  
consultora pedagógica de **Leituras**

Coloridos, carregados de sentidos cujas raízes remontam a tempos imemoriais, a linguagem dos contos tradicionais alimenta a imaginação dos leitores e abre espaços simbólicos para compreender a si mesmos e ao mundo. Não é a toa que diversos escritores se encantam com os contos (leia, nesta mesma publicação, entrevista com o escritor Ricardo Azevedo). A aproximação da escola com as manifestações culturais de seu entorno permite construir pontes entre o oral e o escrito; entre a língua em sua variedade oral e as chamadas variedades cultas. A proposta a seguir é trabalhar os contos populares dentro da Pedagogia de Projetos. A característica essencial de um projeto de trabalho é ter um objetivo compartilhado por todos os envolvidos para se chegar a um produto final, em função do qual todos trabalham. Além disso, os projetos permitem dispor do tempo didático de forma flexível, pois sua duração corresponde ao tempo necessário para se alcançar um objetivo: pode durar dias ou alguns meses. Para sua execução é preciso planejar, prever, dividir responsabilidades, aprender conhecimentos específicos relativos ao tema em questão, usar recursos tecnológicos, aprender a trabalhar em grupo, controlar o tempo e, por fim, avaliar os resultados em função do plano inicial.



## Projeto “Contos de Nossa Cidade”

### Objetivos:

- Ampliar o repertório de contos tradicionais.
- Conhecer os contadores de histórias do município.
- Identificar diferenças entre a modalidade oral e a escrita da língua.
- Editar e revisar textos.

### Desenvolvimento:

- Proponha aos estudantes que investiguem, entre os moradores mais antigos da comunidade, se há algum contador de história ou alguém disposto a contar para a turma contos populares da região.
- Agende uma data em que as pessoas convidadas possam comparecer à escola e contar suas histórias. Se possível, grave em vídeo ou fita cassete para que, posteriormente, os estudantes possam usá-las para transcrever os contos selecionados e organizar uma antologia.
- Finalizadas as apresentações, organize a turma em grupos, para editarem os contos recolhidos. Peça que transcrevam o conto da maneira como foi falado e, depois, realizem apenas os ajustes necessários para converter o texto falado em uma peça escrita, buscando preservar o sabor da versão oral e o estilo do contador. Se esta etapa do trabalho puder ser desenvolvida na sala de informática, ficará muito mais fácil realizar as atividades de reescrita e de revisão dos textos.
- Concluída a etapa anterior, é hora de escolher um título para a coletânea. Pode ser o título de um dos contos, como é comum acontecer em antologias de contos, crônicas e poemas. E se cada conto ganhar uma ilustração? E qual deve ir para a capa?
- Ajude-os a decidir a seqüência dos contos para elaborar o sumário. Seria interessante, ainda, incluir uma pequena biografia dos contadores que participaram do projeto.

## Projeto “Conto e Reconto”

### Objetivos:

- Ampliar o repertório de contos tradicionais.
- Apreciar o estilo de diferentes escritores, identificando e analisando as escolhas estilísticas que realizam ao recontar um conto tradicional.
- Refletir a respeito das operações envolvidas no reconto de uma história: omissões, acréscimos, inversões, substituições.
- Editar e revisar textos.

Recontar histórias possibilita aprender a respeito do funcionamento da linguagem escrita. Recontar não é mera reprodução, é recriação, pois ainda que o escritor tenha o compromisso de preservar o enredo, imprime à história seu estilo próprio. A proposta a seguir permite que os estudantes ampliem seu repertório de contos, bem como aprendam a ajustar a linguagem às suas intenções comunicativas, isto é, aos efeitos que esperam provocar em seus leitores.

### Desenvolvimento:

- Com a ajuda dos estudantes, faça um levantamento das antologias de contos populares disponíveis no acervo da biblioteca municipal, escolar ou da sala de leitura.
- Promova a leitura de vários contos, diversificando os leitores: ora você lê para a turma, ora um dos estudantes lê para os colegas um texto preparado previamente.
- Dedique algumas aulas para que os estudantes possam comparar diferentes versões de um mesmo conto, como sugerimos acima, e, assim, possam identificar as marcas do estilo de cada autor.
- Organize a turma em duplas e peça que selecionem um dos contos para produzir uma nova versão para ele. A partir dos exemplos comentados, proponha que, antes de começar a escrever, pensem como querem recontá-lo: substituindo palavras difíceis por outras mais simples para

facilitar a compreensão, resumindo alguns trechos para evitar digressões, transformando passagens de seqüência narrativa em diálogo para dar maior leveza etc.

- Após a produção, reserve algumas aulas para reformular o texto. Afinal, um texto bem escrito é normalmente fruto de sucessivas versões. Para facilitar essa fase do trabalho, você pode promover o intercâmbio entre as duplas: uma dupla compara as duas versões do conto escolhido pela outra, elaborando uma pauta com sugestões para a revisão. Insista que a proposta não é deixar o

texto ficar igual ao modelo, mas potencializar as intenções de cada dupla.

Concluídas as atividades de edição e de revisão, elabore o sumário e, lembre-os de incluir a referência bibliográfica dos contos que foram recontados. O formato que a publicação vai assumir dependerá das condições da escola e da comunidade: pode ser uma versão digital para leitura na página da escola na internet, uma brochura com os textos digitados e formatados com cuidado ou, até mesmo, uma edição manuscrita com caligrafia caprichada.



Gustave Doré

## Os contos tradicionais no Brasil

O estudioso do folclore brasileiro Luís da Câmara Cascudo (1898–1986)<sup>1</sup>, no prefácio que produz para *Cantos Populares do Brasil*<sup>2</sup>, de Sílvio Romero (1851–1914) afirma que esta obra e *Contos Populares do Brasil* constituem “o primeiro documentário da literatura oral brasileira”. A trilha aberta pelo crítico, folclorista e historiador da literatura brasileira foi percorrida, depois, pelo próprio Cascudo e por muitos outros escritores e pesquisadores.

Outro pioneiro é, sem dúvida, Figueiredo Pimentel (1869–1914) com *Contos da Carochinha*. Preocupado em popularizar o acesso ao livro, Pimentel reuniu nesta obra contos populares traduzidos ou recolhidos diretamente da tradição local. Inaugurava-se com ele uma consistente linhagem de escritores de literatura infantil que mantém uma estreita

relação com a literatura de tradição oral que constitui o substrato básico para a literatura produzida para crianças. Entre eles estão Monteiro Lobato, Henriqueta Lisboa, José Lins do Rego, Ana Maria Machado, Ricardo Azevedo e tantos outros escritores que não resistiram à tentação de “meter a sua colher”, ou melhor, a sua caneta, neste maravilhoso repertório, emprestando a ele seu talento pessoal. Encontre nas prateleiras estas e outras preciosidades e mergulhe com sua turma em um mar de histórias!

<sup>1</sup> Luís da Câmara Cascudo no PNDE:

**Faz de conto.** Luís da Câmara Cascudo e outros, Global, PNBE 2002.

**Contos tradicionais do Brasil.** Luís da Câmara Cascudo, Global, PNBE 2003.

**A princesa de Bambulá.** Luís da Câmara Cascudo, Global, PNBE 2005 (Acervo 7)

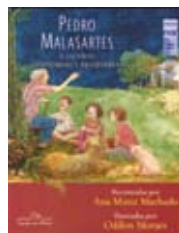
**O marido da mãe d'água e A princesa e o gigante.** Luís da Câmara Cascudo, Editora Gaia, PNBE 2005 (Acervo 15).

<sup>2</sup> As obras de Sílvio Romero – *Cantos Populares do Brasil* e *Contos Populares do Brasil* – são publicadas pela Editora Itatiaia, Editora da Universidade de São Paulo.

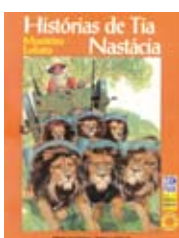
## Algumas obras de tradição popular nos acervos do PNBE



***Histórias Diversas***, Monteiro Lobato, Ed. Brasiliense (PNBE 1998).



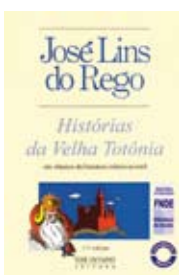
***Pedro Malasartes e outras histórias à brasileira***, Ana Maria Machado, Cia. das Letrinhas, (PNBE 2005 / Acervo 06).



***Histórias de Tia Nastácia***, Monteiro Lobato, Ed. Brasiliense (PNBE 1998).



***Histórias Folclóricas de medo e de quebranto***, Ricardo Azevedo, Ed. Scipione, (PNBE 2003).



***Estórias da velha Totônia***, José Lins do Rego, Ed. José Olympio, (PNBE 1999).



***Histórias de bobos, bocós, burraldos e paspalhões***, Ricardo Azevedo, Ed. Projeto (PNBE 2005 / Acervo 04)



***Literatura oral para a infância e a juventude***, Henriqueta Lisboa, Ed. Fundação Peirópolis, (PNBE 2005 / Acervo 03).



***Contos de enganar a morte***, Ricardo Azevedo, Ed. Ática (PNBE 2005 / Acervo 05)

### Tradição na rede

Jangada Brasil é um endereço da internet que promove o registro e a divulgação da cultura popular brasileira por meio de uma publicação mensal na rede. Em setembro de 2005 foi lançada uma edição especial com mais de 30 contos populares do Brasil. Não perca a oportunidade de conhecer mais histórias, navegando na internet:

[www.jangadabrasil.com.br](http://www.jangadabrasil.com.br)

Ministério  
da Educação

